

Ao enfatizar as diferenças entre o litoral e o sertão, Euclides perturba a noção de identidade nacional. A uma Nação que se queria una, indivisível, cordial, devolve uma face dilacerada, sem qualquer possibilidade de totalização ou síntese.

Paradoxalmente, no entanto, com essa imagem partida, acaba por escrever um texto que dá um sentido à Nação.

ABSTRACT

Os Sertões, by Euclides da Cunha, is considered a classic of Brazilian literature and one of the most powerful accounts of the Brazilian reality. One of the keys to the contemporary success of the book lies in its questioning of the 19th century views of both the nation and modernization.

KEY WORDS:

Modernization in Latin America, Canudos, Euclides da Cunha, Nationhood.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escala do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetivo, 1995.
- BORGES, J.L. *Sobre los clásicos. Antología personal*. Buenos Aires: Emecé, 1968.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Maulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 27. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- CUNHA, Euclides da. *Hautes terres (la guerre de Canudos)*. Paris: Métailié, 1993.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Intertextualidade: uma prática contraditória*. Ensaios de semiótica. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. n. 8. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides*. *Estudos avançados*. vol.10, n.26. São Paulo: USP, 1996.
- HOORNAERT, Eduardo. *O sonho dos espaços sagrados. Folha de S. Paulo*, 21/09/77.
- LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos no nordeste brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Canudos chega à Alemanha*. Folha de São Paulo, 19/06/95.
- SANTIAGO, Silviano. *Fechado para bolacha. Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEVCEJKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Prim Rep*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Nelson Wemeck. *Revisão de Euclides da Cunha*. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 27. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. *Estudos avançados*. vol.10, n.26. São Paulo: USP, 1996.
- VILLA, Marco Antonio. *A aurora de Belo Monte*. *Folha de S. Paulo*. 21/09/1997.

CENAS DA CRÍTICA MACHADIANA: A CONSTRUÇÃO DO VESTIDO

Eliane Fernanda Cunha Ferreira
UFMG

Para Lyslei

(...) uma festa de estrondo; as senhoras estavam todas vestidas de verde e amarelo; muitas tinham mandado vir o vestido do Pará, mas foi tolice, porque em Manaus arranjava-se um vestido tão bom como no Pará...

José Veríssimo

Copiar a civilização existente e adicionar-lhe uma partícula é uma das forças mais produtivas com que conta a sociedade em sua marcha de progresso ascendente.

Machado de Assis

RESUMO

Análise das reflexões do crítico Machado de Assis sobre o impasse criado pelos intelectuais brasileiros do século XIX em relação à formação cultural da nação.

PALAVRAS-CHAVE:

Machado de Assis, crítica literária, nacionalidade, identidade.

Machado de Assis, cuja produção ficcional é largamente celebrada, dada a sua acuidade e trato com o tecido literário, contribui também para a formação de uma crítica literária brasileira. Homem do seu tempo, ele, em sua obra, preconiza algumas questões com as quais até hoje se deparam críticos e teóricos da literatura.

Enquanto crítico literário, Machado discordava da “prática analítica” dominante no ideário crítico da época. Para ele, os seus contemporâneos tinham uma

visão crítica um tanto limitada: não se preocupando em fazer uma análise criteriosa das obras, acabavam por dar um caráter individualizado, cheio de conveniências e adulações às críticas, abatendo um autor por capricho, ou levantando-o por vaidade.¹

Na perspectiva machadiana, esses critérios não contribuíam para o desenvolvimento de uma análise reflexiva que se inserisse no processo de produção literária como um todo. Uma das características de Machado de Assis foi exatamente a de estabelecer, no espaço cultural brasileiro, as condições para que o exercício da crítica pudesse ter uma feição mais estrita, buscando fugir do estado de superficialidade e de indeterminação que caracterizavam em alguns de seus predecessores. Para Machado, as duas condições principais para se exercer a crítica ideal eram a ciência e a consciência.

O crítico de seu tempo que correspondia a essas peculiaridades era, em sua opinião, José Veríssimo. Considerava-o merecedor da profissão, que exercia com honestidade e empenho, e que lhe custara duras reprovações, justamente por não se deixar abalar pelo “amor paternal”, na expressão machadiana, o qual empobrecia a análise literária brasileira. José Veríssimo, como nos diz Machado, confiava no tempo, “que é o melhor juiz e punidor de praguentos” (p.9). Apesar de todos os percalços pelos quais José Veríssimo passou, o seu lugar na história da literatura brasileira ficou assegurado, tanto na crítica brasileira quanto no campo ficcional, principalmente com a sua novela *Cenas da Vida Amazônica* (1886), que foi analisada por Machado de Assis.

Dentre os textos críticos machadianos, destaco o ensaio “Instinto de nacionalidade” e duas análises literárias: uma sobre o romance *Iracema*, de José de Alencar, e outra sobre a novela *Cenas da Vida Amazônica*, de José Veríssimo, por serem importantes para o desenvolvimento do tema deste estudo, que pretende analisar o impasse criado pela crítica literária brasileira, no século XIX, em relação a algumas questões. São elas: o que é ser brasileiro? Qual o conceito de nacionalidade? Como formar uma identidade nacional? Como criar uma literatura original? Procurarei extrair deles algumas cenas que tracem um perfil, do ponto de vista de Machado de Assis, em relação à formação da cultura nacional gerada no contexto literário do Oitocentos brasileiro.

A análise dos textos críticos de Machado revela a existência de um

1. ASSIS, 1953, p. 12. Expressão usada por Machado de Assis ao criticar os critérios dominantes na crítica literária brasileira no século XIX: “Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevado, — será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estrepantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, — essas três chagas da crítica de hoje, ponde em lugar delas, a sinceridade, a solicitude e a justiça, — é só assim que teremos uma grande literatura”. A partir daqui, as citações referentes à coletânea de ensaios de Machado de Assis serão indicadas apenas com a número da página entre parênteses. As citações seguem a pontuação e a grafia do W. M. Jackson.

princípio de ordem geral que orientou sua concepção de literatura nacional. O eixo central de sua reflexão passa pela restrição feita à ênfase dada à cor local, ao ufanismo e ao indianismo, que, para o crítico, não era o meio mais adequado para construir-se uma identidade nacional. Considerava essa visão reducionista, por velar outras possibilidades no processo de construção do nacional. Buscava, através de suas reflexões, “assegurar à nossa literatura o direito à universalidade das matérias por oposição ao ponto de vista que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local”.² Por essa razão, Machado não se deixa perder naqueles valores para ser considerado um escritor brasileiro e original. Ele subverte-os. Essa subversão, segundo Silviano Santiago,

(...) não é um jogo gratuito de cunho nacionalista estreito, (...) mas compreensão de que, apesar de se produzir uma obra culturalmente dependente, pode-se dar o salto por cima das imitações e das sínteses enciclopédicas etnocêntricas e contribuir com algo original.³

A trajetória crítica machadiana (1858-1878) está marcada por um permanente retomar e repropor alguns problemas centrais da literatura e da crítica brasileiras, como o exemplo agora visto. Machado de Assis avança no sentido de, através de um pensamento que propõe a ampliação do horizonte crítico para os intelectuais brasileiros de sua época, não escamotear a inevitável dependência destes em relação à *intelligentsia* européia. Pelo contrário, Machado enfatiza-a, buscando inseri-la diferencialmente na totalização universal. Essa universalidade está explicitada na reflexão do crítico mineiro Silviano Santiago:

A universalidade (...) é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e das reações de dominados.⁴

Assim sendo, Machado de Assis promove a ruptura dos conceitos e limites da crítica literária brasileira. Suas preocupações estavam voltadas para todos os temas importantes daquela prática, como, entre outros: a situação da literatura brasileira; os autores novos; a questão do nacional e do universal na arte; o ideal do crítico; o indianismo na literatura nacional.

2. SCHWARZ, 1990, p. 9.

3. SANTIAGO, 1982, p. 22.

4. SANTIAGO, 1982, p. 23-24.

Foi no enfrentamento dessas questões que Machado encaminhou sua análise crítica literária, sendo possível rastreá-las, principalmente, em seu ensaio “Instinto de Nacionalidade” (1873), em que o crítico propõe diversas soluções para essa “síndrome” da nacionalidade, que, segundo Paulo Eduardo Arantes, sempre acompanhou os críticos e teóricos de países periféricos, como os do Brasil, ao estudarem a formação da literatura brasileira.⁵ No citado ensaio, Machado trilha caminhos para amenizar a “angústia da influência”⁶ que sempre atormentou e que até hoje incomoda os intelectuais que se vêem diante da necessidade de criar uma cultura original. Machado de Assis entende que ser original é fazer uma apropriação modificadora da forma de origem, pois considera que “copiar a civilização existente e adicionar-lhe uma partícula é uma das forças mais produtivas com que conta a sociedade em sua marcha de progresso ascendente”.⁷ Para esse polígrafo, “copiar a civilização existente” não constituía um obstáculo à criação artística, e em nada diminuía um escritor que desenvolvesse a sua arte no contexto de uma poética que define originalidade, “não em termos de criação, mas em termos de vigor combinatório de elementos”⁸, como ele próprio praticava em seus escritos críticos e ficcionais.

O que se entendia por “literatura nacional” no século XIX, segundo Antonio Candido, era aquilo “que para uns era a celebração da pátria, para outros o indianismo, para outros, enfim, algo indefinível, mas que nos *exprimisse*”.⁹ O crítico cita um ensaio de Macedo Soares, de 1857, para ilustrar o pensamento que vigorava na época em relação aos requisitos necessários ao desenvolvimento do conceito de nacionalidade da literatura. Nesse ensaio, Macedo lamenta que os escritores não se esforçassem por dar à nossa literatura uma categoria equivalente às européias, e que a tarefa do poeta era “despir andrajos e falsos atavios, compreender a natureza, compenetrar-se do espírito das religiões, das leis e da história, dar vida às reminiscências do passado”.¹⁰ Antonio Candido diz-nos ainda que “durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico foi mantido, o que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso”.¹¹

5. ARANTES, 1992, p. 233.

6. BELLEI, 1992, p. 45

7. ASSIS, 1953, v. 30, p. 12.

8. BELLEI, 1992, p. 46.

9. CANDIDO, 1975, v. 2, p. 11.

10. Idem., *ibidem*, p. 12

11. Idem.

Com o movimento de independência no Brasil, surge a necessidade de se redefinirem as posições em relação ao conceito de nacionalidade, que se resumem em três elementos, ainda, segundo Antonio Candido:

a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos, nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.¹²

Há, com efeito, na literatura brasileira, uma aspiração nacional, definida claramente a partir da Independência, que ocasionou uma ênfase na cor local e uma necessidade de individuação nacional.

Machado de Assis vai muito além desses pensamentos que circulavam nesse período da crítica brasileira. Segundo o crítico Sérgio Bellei, a questão da cultura nacional é abordada de forma explícita no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, no qual Machado

afirma insistentemente que é preciso procurar a verdadeira nacionalidade em literatura, não nos temas nacionais que constituem apenas um efeito, mas no “instinto” que, como vigor originário e ainda inconsciente de si mesmo, pode, mas não precisa necessariamente, conduzir o leitor e o escritor à procura da cor local.¹³

A cor local, portanto, não é a condição essencial para marcar a nacionalidade, como afirmava a intelectualidade da época. O ponto de vista machadiano em relação à definição do caráter nacional de uma literatura ou de um escritor contrapõe-se ao da crítica sua contemporânea, que questionava se José de Alencar, “o festejado criador de vários romances indianistas”¹⁴, não

12. Idem.

13. BELLEI, 1992, p. 54.

14. SCHWARZ, 1987, p. 165. Schwarz usa essa expressão, ironicamente, para comentar sobre a polêmica causada para se escolher o patrono das letras brasileiras em 1979, na Câmara dos Deputados. Uns diziam que o autor mais nacional era José de Alencar e outras diziam que era Machado de Assis.

seria mais nacional do que Machado de Assis, que dispensava os apoios do pitoresco e do exótico.

Os críticos de Machado de Assis têm lembrado com insistência a marca internacional da obra do escritor. Porém tais críticas, como bem lembra Roberto Schwarz, não percebiam o que havia de mais interessante nos conceitos de nacionalidade do crítico Machado de Assis, que era justamente a sua capacidade de relativizar a busca de uma identidade nacional que só valorizasse a cor local.

Algumas cenas da crítica machadiana, extraídas de “Instinto de Nacionalidade”, exemplificam a proposta do crítico Machado de Assis, que era a de inserir a nossa literatura numa dialética do local e do universal, demonstrando que o todo está nas partes e a parte está no todo:

1. É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. Os que, como o Sr. Varnhagen, negam tudo aos primeiros povos deste país, esses podem logicamente excluí-los da poesia contemporânea. Parece-me, entretanto, que, depois das memórias que a este respeito escreveram os Srs. Magalhães e Gonçalves Dias, não é lícito arredar o elemento indiano da nossa aplicação intelectual. Erro seria constituir-lo um exclusivo patrimônio da literatura brasileira; erro igual fora certamente a sua absoluta exclusão. (p.132).

2. Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance, sobretudo, apoderou-se de todos êsses elementos de invenção(...). (p.133-4).

3. Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras

que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (p.134)

4. (...) e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakeaspeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês. (p.135)

5. Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (p.135)

Digamos que essas citações sejam a transcrição teórica das observações que Machado fazia dos aspectos reais, tentando criar fórmulas e formas para o desenvolvimento do *processo* de identificação do nacional, ao mesmo tempo que buscava integrá-lo nas relações com a cultura ocidental, entendida como centro cultural do mundo.

A postura ocidentalizante de Machado, de acordo com o pensamento vigente na época, poderia aproximar-se das reflexões sobre a formação das literaturas nacionais feitas pelo teórico da Martinica, Edouard Glissant.¹⁵ Utilizando-me da terminologia usada por ele, *sacralização/dessacralização*¹⁶ —, parece ser possível pensar sobre a crítica que Machado fez a *Iracema* de José de Alencar.

Glissant afirma que a função de sacralização da literatura “seria própria de uma consciência coletiva ainda ingênua”. Sobre essa afirmação, a crítica Zilá Bernd, endossando o pensamento glissantiano, acrescenta que, “para além da variação terminológica, está o fato de que a urgência de se nomear diante do mundo e a necessidade de ser visto e ouvido fabricam uma literatura calcada no *exotismo*, diferindo muito pouco dos pressupostos que alicerçaram a literatura

15. GLISSANT, 1981. Edouard Glissant reflete sobre o processo histórico da dependência cultural via mecanismos repressores da colonização. A constituição da identidade americana, para ele, passava por desconsiderar a possibilidade da ruptura total com os países europeus.

16. Para Glissant, “há a função de *dessacralização*, função de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escandidos, de desmistificar. Há também uma função de *sacralização*, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginária ou de sua ideologia. (GLISSANT apud. BERND, 1992, p. 17).

colonial”.¹⁷ E justamente esse exotismo que punha em relevo *a cor local* era severamente criticado por Machado. A “consciência ingênua” de Alencar em *Iracema* não lhe permitiu perceber que a valorização mítica do passado não é a condição essencial para ancorar o sentimento de identidade. Segundo Bernd, o que se verifica ao analisar a produção alencariana é

que ela se constrói com um alto grau de *adesão* à convenção dominante, não apenas em termos de Literatura Brasileira como também em termos de literatura européia, cujas marcas fundamentais — utilização do mito do “bon sauvage”, idealização do “estado de natureza”, visão nostálgica do passado — são reencenadas nos textos do romancista brasileiro.¹⁸

Em sua crítica ao romance *Iracema*, Machado ressalta a presença da influência européia, ao lembrar que, quando *Iracema* vai dar conta a Martim do nascimento de seu filho, José de Alencar reproduz cena passada nos *Natchez*, de Chateaubriand:

“Quando René, diz o poeta dos *Natchez*, teve certeza de que Celuta trazia um filho no seio, acercou-se dela com santo respeito e abraçou-a delicadamente para não machucá-la. “Esposa, disse êle, o céu abençoou as tuas entranhas.” (p.79)

(...) A selvagem cearense aparece aos olhos de Martim, adornada de flores de maniva, trava da mão dele, e diz-lhe:

“– Teu sangue já vive no seio de *Iracema*. Ela será mãe de teu filho.

“– Filho, dizes tu? exclamou o cristão em júbilo.

“Ajoelhou ali, e cingindo-a com os braços, beijou o ventre fecundo da espôsa.” (p.80)

Machado termina sua análise criticando a exuberância de imagens, dizendo que o exagero pede a revisão da obra.¹⁹

Machado, ao contrário de Alencar, assumia a adoção da “forma” européia em sua obra, adaptando-a a um contexto pessoal, brasileiro e original.

Trata-se, nesse caso, de tentar combater a “síndrome” e a “angústia da influência”.

A visão mais ampla de Machado em relação ao conceito de nacionalidade, aqui desenvolvida, permitiu-lhe ir mais longe que outros críticos de sua época, seja na transcrição do dado social, seja no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior, “o que paradoxalmente o levava a dispensar os apoios do pitoresco e do exotismo e lhe permitia integrar sem servilismo os numerosos modelos estrangeiros de que se valia”.²⁰ Machado “deslocou as estrelas do céu europeu e transformou-as em um alfabeto a ser usado para novas combinações capazes de formar partituras na terra brasileira”.²¹ Essa arte combinatória é muito importante para o artista de periferia que tenta ser original. Perceber o que significa para Machado fazer uma literatura nacional em um país periférico é compreender o que foi demonstrado em seu ensaio “Instinto de Nacionalidade”, cuja questão fundamental é a da arte nacional inserida no contexto da cultura européia. Nele, a arte combinatória é significativa, principalmente para a definição do artista dedicado à construção da verdadeira nacionalidade em literatura, que é o caso do próprio Machado de Assis. Construção que não precisa vestir-se com as cores da bandeira nacional.

Talvez seja possível pensar na “festa de estrondo” de José Veríssimo a partir do conceito de nacionalidade, elaborado por Machado de Assis no ensaio citado. Na análise machadiana sobre a novela, há uma crítica ao ufanismo utilizado por Veríssimo para obter o estatuto de escritor original que escreve na periferia do mundo ocidental. Essa novela demonstra que a ficção era vista como instrumento de apreensão cultural, bem na esteira do realismo-naturalismo em que se formara o autor, do qual Machado discordava.

Ao comentar a festa da Independência em Manaus, o narrador de *Cenas da Vida Amazônica* desenha um perfil nacionalista da sociedade brasileira. As senhoras, cujos trajes têm as cores da bandeira, ostentam um exacerbado senso de nação que, no entanto, será incongruente, uma vez que confeccionam seus vestidos em outro estado. Diante disso, o narrador chama a atenção do leitor para a valorização do que não era do próprio estado. Manaus, então, encena todo o Brasil. Metáfora do país e do nacional, o estado brasileiro transforma-se em “bandeira” do narrador, bandeira verde e amarela como os vestidos das senhoras. A recriminação feita à encomenda das roupas no Pará, delineia uma valorização explícita do que se poderia fazer no próprio estado. Diz o narrador: “... muitas tinham mandado vir o vestido do Pará, mas foi tolice,

17. BERND, 1992, p. 38.

18. Idem, *ibidem*, p. 39.

19. Comentário de Machado: “Há, sem dúvida, superabundância de imagens, e o autor com uma rara consciência literária, é o primeiro a reconhecer esse defeito. O autor emendará, sem dúvida a obra, empregando neste ponto uma conveniente sobriedade. O excesso, porém, se pede a revisão da obra, prava em favor do poesia americano, confirmando ao mesmo tempo o talento original e fecundo do autor.” (p. 82-3).

20. SCHWARZ, 1987, p. 168.

21. BELLEI, 1992, p. 48.

porque em Manaus arranjava-se um vestido tão bom como no Pará". (p.249)

O vestido, analisado como signo do tecido literário, coloca-se na crítica de Machado sob os olhares atentos de um artesão. Preocupado com as diversas implicações relativas à construção textual, Machado busca exemplificar o impasse em que se encontrou a literatura da época, que via o texto como dentro e fora, centro e periferia. A construção do vestido/texto nacional, para Machado, seria um entrelaçar de fios que, sem comprometer a identidade particular de um povo, não desprezasse a noção mais globalizante de mundo e de perspectivas de construção de linguagem. Essa construção, muito mais que um perfil nacional, realiza-se além das fronteiras brasileiras. Sem, contudo, se ater aos ainda vigentes descaminhos do etnocentrismo visto como uma valorização da limitação própria do sentido ufanista ou nativista, Machado desloca o sentido das variadas possibilidades de entrecruzamento com outras literaturas, empenhando-se em fazer da crítica um modo substancial de contribuição ao processo de autoconhecimento do país.

ABSTRACT

Analysis of the ideas of the critic Machado de Assis concerning the problems created by the Brazilian intellectuals of the 19th century in relation to the nation's cultural development and growth.

KEY WORDS:

Machado de Assis, Literary Criticism, Nationhood, Identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Paulo Eduardo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: D'INCAO, Maria Angela, SCARAPTOLO, Eloisa Fario (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antania Condida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953, v. 29.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953, v. 30.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Nacionalidade e Literatura: os caminhos da alteridade*. Florianópolis: Editora DAUFSC, 1992.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. V.2.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

DER PROZESS E A ARTE - ANOTAÇÕES PARA UMA POÉTICA DE KAFKA

Manuel Antônio de Castro
UFRJ

RESUMO:

A leitura interpretativa que o presente estudo faz de O Processo afasta-se das interpretações tradicionais. Os fundamentos metafísicos que deram origem aos gêneros e aos estilos de época são insuficientes para apreenderem a especificidade da obra literária. Eles são substituídos pela própria obra, entendida como processo. Ler poeticamente a obra é fazer eclodir a sua poética. Para tanto, assinalam-se na obra de Kafka três grandes processos: a vida cotidiana, a vida jurídico-institucional, o manifestação do real. A unidade desses três processos é realizada por um quarto: o processo narrativo. A culpa de Joseph K. é lida como a morte que irrompe com a vida, mas da qual o personagem não quer tornar-se consciente. Todo o processo narrativo, do qual resulta O Processo, consiste nesta descoberta abissal e inexorável.

PALAVRAS-CHAVE:

Processo, culpa, morte

1 - Kafka e sua época

Franz Kafka nasceu em 1883 e morreu em 1924. O cientificismo do século XIX moldou os métodos de conhecimento das ciências do espírito e, por consequência, a maioria das correntes críticas, que desde então se desenvolveram e se prolongaram por todo este século. Essas correntes têm encontrado em Kafka